

IL GRANDE SILENZIO/ 1968

(O Grande Silêncio)

Um filme de SERGIO CORBUCCI

Realização: Sérgio Corbucci / **Argumento:** Vittoriano Petrilli, Mário Amendola, Bruno Corbucci, Sérgio Corbucci / **Direção de fotografia:** Silvano Ippoliti/ **Direção artística:** Riccardo Domenici / **Música:** Ennio Morricone/ **Figurinos:** Enrico Job/ **Intérpretes:** Jean-Louis Trintignant (Silêncio), Klaus Kinski (Tigrero, aka Loco), Frank Wolff (Sheriff Burnett), Luigi Pistilli (Pollicut), Vonetta McGee (Pauline), Mário Brega (Martin), Ralf Baldassarre (assassino zarolho), Marisa Merlini (Regina), Maria Mizar, Remo de Angelis, Mirella Pamphili, Marisa Sally, Spartaco Conversi.

Produção: Adelphia Cinematográfica (Roma), Les Films Corona (Paris)/ **Cópia:** 35mm, colorida, versão original (inglesa) com legendas em alemão e francês e legendada eletronicamente em português / **Duração:** 104 minutos/ **Estreia em Portugal:** Politeama, em 24 de Setembro de 1970 / **Primeira exibição na cinemateca:** 24 de fevereiro de 2003 (“Os Tesouros de Munique”).

A sessão de dia 22 de julho tem lugar na Esplanada

«Estreia» de um género, o *western-spaghetti*. É certo que já aqui vimos **C’era Una Volta il West** (também de 1968), de Sérgio Leone, mas isso era ainda uma peça «nobre» e próxima do *western* «original» ao qual ia, inclusive, buscar paisagens reais. O *western-spaghetti* puro e duro ainda não tinha feito das suas por aqui. E este é um dos mais insólitos e estranhos dos seus produtos, que em certa medida vai mesmo contra muitos dos seus modelos e métodos.

O *western-spaghetti* «nasce» em Itália pelas mãos de Sérgio Leone em 1964 quando realizou **Per un Pugno di Dollari** (*Por Um Punhado de Dólares*), lançado para o mercado com nomes americanos na ficha artística e técnica (só Clint Eastwood, vindo da série televisiva «Rawhide», era americano). Leone assinava como Bob Robertson e só depois do estrondoso êxito do filme lhe apôs o seu nome real na reposição. Mas os italianos eram desde há muito especialistas nestas contrafacções, através de várias paródias a *westerns* clássicos saídas da Cinecittà. Leone levou apenas a contrafacção a uma forma mais sofisticada. Em vez de «paródia» ia antes explorar e potenciar os clichés e os estereótipos do «cinema americano por excelência». A Leone, na senda do seu êxito, vieram juntar-se outros realizadores que exploravam um género popular mas que dava então indícios de esgotamento: o «peplum». Este género, revitalizado em 1957 com o mega-sucesso de **I Fatiche di Ercole** (*Hércules*, com o americano Steve Reeves) crescera como cogumelos fazendo apelo a todos os heróis da mitologia e história greco-romanas. Com a entrada em cena do *western-spaghetti* a sua produção vai reduzir-se até se extinguir em poucos anos (destino que também estaria reservado ao seu substituto, mas por outras razões). Ao lado de Leone, os realizadores mais interessantes que exploraram o *western* transalpino (mas também filmado em Espanha, Jugoslávia e outros países) foram, para além de Tonino Valerii, argumentista e colaborador de Leone, dois outros Sergio’s: Sollima e Corbucci. Duccio Tessari, Damiano Damiani e Carlo Lizzani foram outros com contributos interessantes para o género, o primeiro com a personagem de Ringo (Giuliano Gemma, americanizado para «Montgomery Wood»), o segundo com uma excelente incursão pela revolução mexicana – **Quien Sabe?** (*O Mercenário*, 1967) e o terceiro com **Requiescant** (*Os Assassinos Também Choram*, 1967).

A curiosidade do *western-spaghetti* está menos na apropriação de temas e personagens do *western* americano e mais no universo próprio, povoado das mais aberrantes personagens, dos mais extravagantes objectos e arsenal bélico e de um extremado sado-masiquismo nas relações entre as personagens. Em questões de «estilo», o género desenvolve as fórmulas lançadas por Leone como forma de «esconder» a contrafacção: o recurso aos grandes planos que escondem a paisagem e aos rostos patibulares que concentram a atenção, e ainda a pormenores que ocupam um plano temporalmente dilatado.

Mas alguns dos realizadores citados encontraram neste género a maneira de falarem também de outras questões. O *western-spaghetti* apresenta-se, com mais frequência, muito mais politizado que o americano. Sergio Corbucci, realizador comercial, que sempre se assumiu como tal, e «passou» por todos os géneros que iam conquistando os favores do público (o melodrama à Mattarazzo – **La Peccatrice dell'Isola** [A Ilha do Pecado, 1952] –, a comédia à Dino Risi, filme com Totó e, naturalmente, o *peplum* – **Romolo e Remo** [Os Gigantes de Roma, 1961], e, depois do *western-spaghetti*, os filme sobre a Máfia ou com a dupla Bud Spencer-Terence Hill) destacou-se, neste caso, pela componente niilista, imagem sombria e ambientes insólitos que trouxe para o género. Paisagens rudes escondidas sob a lama ou a neve, o realismo bruto sem complacências, exagerado. Outra das características do género que Corbucci gostava de explorar: o estranho arsenal bélico. Em **Django** (1966) Franco Nero arrasta um caixão que contem uma metralhadora. Em **Il Grande Silenzio**, o personagem de «Silenzio» (Jean-Louis Trintignant) usa um revolver que destoa da panóplia habitual do género, e cujo estofo se encaixa na arma formando uma espingarda para tiros de longo alcance. Também a característica de «Silenzio» corresponde ao aspecto insólito do *western-spaghetti*. É mudo, deficiência provocada por um enforcamento falhado. (Clint Eastwood irá buscar esta característica para alguns dos seus personagens quando regressa aos EUA: como actor (**Hang 'Em High** [A Sombra da Força, 1968] de Ted Post) e como realizador (**Pale Rider** [O Justiceiro Solitário, 1985] com o sinal da corda substituído pelo das balas).

Il Grande Silenzio situa-se durante o grande «blizzard» que atingiu o Utah em 1898, quando povoações inteiras ficaram isoladas e as pessoas sofreram carências terríveis. Em busca de sobrevivência, pessoas isoladas atacavam cidades e viajantes, apoderando-se de animais para sustento e, por vezes, recorrendo ao canibalismo. Os proprietários recorriam a «bounty hunters» para matarem não só os bandoleiros que enxameavam a região, mas todos os que atentavam contra as suas propriedades. Tigrero ou Loco (Klaus Kinski) era um desses «caçadores de prémios». Silenzio é um estranho pistoleiro a quem a viúva de uma das vítimas pede para matar Tigrero. O realismo de Corbucci é brutal: Tigrero guarda os cadáveres das vítimas em gelo para os levar na diligência a fim de receber os prémios, as mutilações pontuam o filme assim como os actos de crueldade e sadismo dos pistoleiros. Corbucci termina o filme de uma forma inusitada, com o personagem de Silenzio massacrado por Tigrero, que depois disso mata ainda a mulher (Vonetta McGee, na sua estreia e que, de novo, Eastwood irá buscar para **The Eiger Sanction** [A Escalada, 1975]), massacrando, inclusive, os lenhadores que tinham descido à cidade. A brutalidade e crueldade do final esteve na origem do relativo fracasso comercial do filme, de tal modo que os produtores pediram a Corbucci, um final alternativo para ser explorado na Ásia e Norte de África, um «happy-end» incongruente para depois de tanto negrume, onde, inclusive, o sorriso de Silenzio destoa da personagem. Um filme estranho e insólito que vale a descoberta.